

ANTON TCHÉKHOV

O Cerejal

Comédia em quatro actos

TRADUÇÃO DO RUSSO

António Pescada



A tradução aqui publicada foi encomendada
para a criação estreada no Teatro Carlos Alberto – Porto,
no dia 25 de Maio de 2007, no âmbito
do XXX FITEI – Festival Internacional de Teatro
de Expressão Ibérica.

O Cerejal

de **Anton Tchékhov**
tradução **António Pescada**

encenação **Rogério de Carvalho**
cenografia **João Mendes Ribeiro**
figurinos **Bernardo Monteiro**
desenho de luz **Jorge Ribeiro**
sonoplastia **Francisco Leal**

interpretação

Emília Silvestre *Liubov Andréievna*

Jorge Pinto *Gáev*

Ivo Alexandre *Lopákhin*

Laura Barbeiro *Ánia*

Laurinda Chiungue *Vária*

Bernardo de Almeida *Trofimov*

Jorge Vasques *Simeónov-Píschik*

Miguel Sopas *Epikhódov*

Clara Nogueira *Charlotta*

Isabel Queirós *Duniacha*

Miguel Eloy *Iacha*

Alexandre Falcão *Firs*

assistência de encenação **Liliana Caetano**

produção **Ensemble – Sociedade de Actores**





O Cerejal

PRIMEIRO ACTO 15

SEGUNDO ACTO 37

TERCEIRO ACTO 53

QUARTO ACTO 69

NOTAS 83

Personagens

Ranévskaja, LIUBOV ANDRÉIEVNA, latifundiária.

ÁNIA, sua filha de 17 anos.

VÁRIA, sua filha adoptiva.

GÁEV, Leonid Andréievitch, irmão de Ranévskaja.

LOPÁKHIN, Ermolai Alekséievitch, comerciante.

TROFÍMOV, Piotr Serguéievitch, estudante.

Simeónov-PÍSCHIK, Boris Boríssovitch, latifundiário.

CHARLOTTA Ivánovna, preceptora.

EPIKHÓDOV, Simeon Panteléievitch, escriturário.

DUNIACHA, criada de quarto.

FIRS, criado, um velho de 87 anos.

IACHA, jovem criado.

UM VIANDANTE

CHEFE DA ESTAÇÃO

FUNCIONÁRIO DOS CORREIOS

CONVIDADOS, CRIADOS.

A acção decorre na propriedade de L. A. Ranévskaja.

PRIMEIRO ACTO

Um quarto a que ainda se chama das crianças. Uma das portas dá para o quarto de ÁNIA. Amanhece, em breve vai nascer o sol. Está-se já no mês de Maio, as cerejeiras estão em flor, mas no pomar está frio e há geada. As janelas do quarto estão fechadas.

(Entram DUNIACHA com uma vela e LOPÁKHIN com um livro na mão.)

LOPÁKHIN: O comboio chegou, graças a Deus. Que horas são?

DUNIACHA: Quase duas. *(Apaga a vela.)* Já está a clarear.

LOPÁKHIN: Quanto tempo se atrasou o comboio? Umass duas horas, pelo menos. *(Boceja e espreguiça-se.)* E eu, a figura de parvo que fiz! Vim cá de propósito para ir à estação, e de repente adormeci... Adormeci sentado. Que irritação... Tu devias ter-me acordado.

DUNIACHA: Eu pensei que o senhor tinha ido. *(Escuta.)* Olhe, parece que já vêm lá.

LOPÁKHIN: Não... Têm que recolher a bagagem, mais isto e mais aquilo...

(Pausa.)

Liubov Andréievna viveu cinco anos no estrangeiro, não sei como estará ela agora... É muito boa pessoa... Bondosa, simples. Lembro-me, quando eu era um rapazola aí dos meus quinze anos, o meu falecido pai — ele nesse tempo tinha uma loja aqui na aldeia — deu-me um soco na cara e fiquei a sangrar do nariz... Tínhamos vindo aqui por qualquer razão e ele

estava bebido. Liubov Andréievna, lembro-me como se fosse agora, ainda jovem, muito magra, levou-me ao lavatório, aqui mesmo nesta sala. “Não chores mujiquezinho, diz-me ela, até à festa isto sara.”

(Pausa.)

Mujiquezinho... é verdade que o meu pai era mujique, e eu aqui estou de colete branco e sapatos amarelos. Um focinho de porco na prateleira dos doces. A única diferença é que sou rico, tenho muito dinheiro, mas se formos a ver bem, mujique uma vez, mujique para toda a vida... *(Folheia o livro.)* Estive aqui a ler este livro e não percebi nada. Adormeci a ler.

(Pausa.)

DUNIACHA: Os cães não dormiram toda a noite, sentem que as donas estão de volta.

LOPÁKHIN: Que é isso, Duniacha?, estás tão...

DUNIACHA: Tenho as mãos a tremer. Ainda vou desmaiar.

LOPÁKHIN: És muito delicada, Duniacha. Andas vestida e penteada como uma fidalga. Não deves fazer isso. Cada qual deve saber o seu lugar.

(Entra EPIKHÓDOV com um ramo de flores; usa casaco e umas botas muito engraxadas que rangem fortemente; ao entrar deixa cair o ramo.)

EPIKHÓDOV: *(Apanha o ramo.)* Isto manda o jardineiro, diz para pôr na sala de jantar. *(Entrega o ramo a DUNIACHA.)*

LOPÁKHIN: E traz kvass¹ para mim.

DUNIACHA: Sim senhor. *(Sai.)*

EPIKHÓDOV: Está um gelo matinal, três graus abaixo de zero, mas as cerejeiras estão todas em flor. Não posso aprovar este nosso clima. *(Suspira.)* Não posso. O nosso clima não favorece as coisas como deve ser. Veja, Ermolai Alekséitch, permita-me que

lhe diga: anteontem comprei umas botas. Mas elas, atrevo-me a dizer-lhe, rangem tanto que é impossível. Com que deveria eu untá-las?

LOPÁKHIN: Deixa-me. Não me aborreças.

EPIKHÓDOV: Todos os dias me acontece uma desgraça. Eu não me queixo, estou acostumado. Até sorrio.

(*Entra DUNIACHA, serve o kvass a LOPÁKHIN.*)

Vou-me embora. (*Choca contra uma cadeira, que cai.*) Pronto...

(*Como que triunfante.*) Pronto, estão a ver, desculpem a expressão, que circunstância, entre outras... Isto é simplesmente notável! (*Sai.*)

DUNIACHA: Sabe, Ermolai Alekséitch, Epikhódov propôs-me casamento.

LOPÁKHIN: Ah!

DUNIACHA: Eu nem sei como... Ele é um homem sossegado, mas às vezes começa a falar de uma maneira que não se percebe nada. Fala bem e com sentimento, mas não se percebe. Até acho que ele me agrada. Está loucamente apaixonado por mim. É um homem infeliz, todos os dias lhe acontece alguma coisa. Aqui até lhe chamam o vinte-e-duas-desgraças...

LOPÁKHIN: (*Escutando.*) Olha, parece que vêm lá...

DUNIACHA: Vêm! Que tenho eu... fiquei cheia de frio.

LOPÁKHIN: Estão a chegar, realmente. Vamos recebê-los. Ela irá reconhecer-me? Cinco anos sem nos vermos.

DUNIACHA: (*Agitada.*) Vou desmaiar... Ah, vou desmaiar!

(*Ouve-se o som de duas carruagens que se aproximam da casa.*)

LOPÁKHIN e DUNIACHA saem à pressa. A cena fica vazia. Nas salas vizinhas começa o barulho. Pela cena passa FIRS, que fora esperar LIUBOV ANDRÉIEVNA; apressado, apoiando-se numa bengala, usa uma velha libré e um chapéu alto; diz qualquer

coisa para si mesmo, mas não se consegue perceber nem uma palavra. O ruído em cena aumenta cada vez mais. Uma voz: “Vamos por aqui...” LIUBOV ANDRÉIEVNA, ÁNIA e CHARLOTTA IVÁNOVNA *com um cãozinho pela trela, com fatos de viagem. VÁRIA veste um casaco comprido e um xaile. GÁEV, SIMEÓNOV-PÍSCHIK, LOPÁKHIN, DUNIACHA com um embrulho e uma sombrinha, criados com bagagens — todos atravessam a sala.*)

ÁNIA: Vamos por aqui. Tu, mamã, lembras-te que quarto é este?

LIUBOV ANDRÉIEVNA: *(Alegremente, entre lágrimas.)* O quarto das crianças!

VÁRIA: Que frio, tenho as mãos geladas. *(Para LIUBOV ANDRÉIEVNA.)* Os seus quartos, o branco e o violeta, continuam iguais, mãezinha.

LIUBOV ANDRÉIEVNA: O quarto das crianças, minha querida, é excelente... Eu dormia aqui quando era pequena... *(Chora.)* E agora sinto-me como se fosse pequena. *(Beija o irmão, VÁRIA, depois outra vez o irmão.)* E Vária continua a mesma, parece uma freira. E também reconheci a Duniacha... *(Beija DUNIACHA.)*

GÁEV: O comboio chegou com duas horas de atraso. Ora vejam! Que ordem é esta?

CHARLOTTA: *(Para PÍSCHIK.)* O meu cão até nozes come.

PÍSCHIK: *(Surpreendido.)* Imagine!

(Saem todos, menos ÁNIA e DUNIACHA.)

DUNIACHA: O que nós esperámos... *(Tira o casaco e o xaile a ÁNIA.)*

ÁNIA: Passei quatro noites sem dormir na viagem... agora estou gelada.

DUNIACHA: Partiram durante a Quaresma, havia neve, fazia muito frio, e agora? O que eu esperei por si. Minha querida!

(*Ri-se, beija-a.*) Cansei-me de esperar por si, minha jóia, minha flor... Vou-lhe dizer agora mesmo, não posso aguentar nem um minuto...

ÁNIA: (*Com indolência.*) Mais uma história...

DUNIACHA: Depois da Semana Santa, o escriturário Epikhódov pediu-me em casamento.

ÁNIA: Tu não pensas em mais nada... (*Alinha os cabelos.*) Perdi os ganchos todos... (*Está muito cansada, anda a cambalear.*)

DUNIACHA: Eu nem sei o que pensar. Ele gosta de mim, gosta tanto!

ÁNIA: (*Olha para a porta do seu quarto, com ternura.*) O meu quarto, a minha janela, até parece que não me fui embora. Estou em casa! Amanhã de manhã levanto-me, corro para o jardim... Oh, se eu conseguisse dormir! Passei toda a viagem sem dormir, preocupada.

DUNIACHA: Piotr Serguéitch chegou anteontem.

ÁNIA: (*Alegre.*) O Pétia!

DUNIACHA: Dorme no balneário, e vive lá. Receio incomodar, diz. (*Olhando o relógio de bolso.*) Era preciso acordá-lo, mas Varvara Mikháilovna não deixou. Tu não o acordes, disse-me ela. (*Entra VÁRIA, com um molho de chaves à cintura.*)

VÁRIA: Duniacha, café, depressa... A mãezinha pediu café.

DUNIACHA: Imediatamente. (*Sai.*)

VÁRIA: Bom, graças a Deus, chegaram. Estás de novo em casa. (*Acariciando-a.*) A minha querida chegou! A minha beleza chegou!

ÁNIA: O que eu passei!

VÁRIA: Imagino!

ÁNIA: Parti durante a Semana Santa, fazia frio. A Charlotta foi todo o caminho a falar e a fazer truques. E porque é que tinhas

de me impingir a Charlotta...

VÁRIA: Não podias viajar sozinha, minha querida. Com dezassete anos!

ÁNIA: Chegámos a Paris, fazia frio, nevava. Eu falo francês muito mal. A mamã vivia no quinto andar. Quando cheguei estavam lá uns franceses, umas senhoras, um velho padre com um livro, e tudo cheio de fumo de cigarros, desconfortável. E de repente comecei a sentir pena da mamã, abracei-a pela cabeça, apertei-a nos braços e não conseguia deixá-la. Depois a mamã não parava de me fazer festas, e chorava...

VÁRIA: (*Entre lágrimas.*) Não fales disso, não fales...

ÁNIA: Ela já vendeu a casa perto de Menton, não lhe resta nada, nada. Eu também já não tenho nem um copeque. Mal cheguei para a viagem. E a mamã não compreende! Sentamo-nos na estação para jantar, e ela pede os pratos mais caros e dá um rublo de gorjeta a cada criado. Charlotta a mesma coisa. O lacha também exige uma dose, é simplesmente horrível. Porque o criado da mamã, o lacha, trouxemo-lo para cá...

VÁRIA: Eu vi o patife.

ÁNIA: E então? Pagaram os juros?

VÁRIA: Agora!

ÁNIA: Meu Deus, meu Deus...

VÁRIA: Em Agosto vão vender a propriedade...

ÁNIA: Meu Deus...

LOPÁKHIN: (*Espreita à porta e berra.*) Mé-é-é... (*Sai.*)

VÁRIA: (*Entre lágrimas.*) Isto é que ele precisava... (*Ameaça com o punho.*)

ÁNIA: (*Abraça VÁRIA, em silêncio.*) Vária, ele fez o pedido? (*VÁRIA abana a cabeça negativamente.*) Mas ele gosta de ti... Por que não se explicam, de que estão à espera?

VÁRIA: Eu penso que entre nós não vai resultar nada. Ele anda muito ocupado, não tem tempo para mim... e nem me presta atenção. Valha-o Deus, a mim até já me custa olhar para ele... Toda a gente fala do nosso casamento, toda a gente me dá os parabéns, mas na realidade não há nada, é tudo como um sonho... (*Noutro tom.*) Tens um broche do feitio de uma abelha.

ÁNIA: (*Tristemente.*) Foi a mamã que comprou. (*Vai para o seu quarto, fala alegremente, como uma criança.*) E em Paris subi num balão!

VÁRIA: A minha querida voltou! A minha linda voltou!
 (DUNIACHA *entra com uma cafeteira e prepara o café.*)
 (*Pára junto à porta.*) Todo o dia, minha querida, enquanto ando nos meus afazeres, vou sonhando. Casar-te com um homem rico, e então eu ficava tranquila, ia para o mosteiro, depois para Kiev... para Moscovo, e andaria assim em peregrinação pelos lugares santos... caminhava e caminhava. Que felicidade!...

ÁNIA: Os pássaros cantam no jardim. Que horas são?

VÁRIA: Deve passar das duas. São horas de dormires, minha querida. (*Entrando no quarto de ÁNIA.*) Que felicidade!
 (*Entra IACHA com uma manta e um saco de viagem.*)

IACHA: (*Atravessa a cena, discretamente.*) Posso passar por aqui?

DUNIACHA: Uma pessoa já nem o conhece, Iacha. Como mudou no estrangeiro.

IACHA: Hum... E você quem é?

DUNIACHA: Quando partiu daqui, eu era deste tamanho... (*Mostra a altura do chão.*) Duniacha, filha de Fiódor Kozoédov. Não se lembra de mim!

IACHA: Hum... Pepininho! (*Olha em volta e abraça-a; ela solta um gritinho e deixa cair um pires. IACHA sai à pressa.*)

VÁRIA: (*À porta, em tom de desagrado.*) Que foi agora?

DUNIACHA: (*Entre lágrimas.*) Quebrei um pires...

VÁRIA: Isso dá sorte.

ÂNIA: (*Saindo do seu quarto.*) É preciso avisar a mamã de que o Pétia está cá...

VÁRIA: Eu dei ordens para que não o acordassem.

ÂNIA: (*Pensativa.*) Há seis anos que o pai morreu, e um mês depois o nosso irmão, Gricha, afogou-se no rio, um rapazinho de sete anos. A mamã não conseguiu suportar, partiu, partiu sem olhar para trás... (*Estremece.*) Como eu a compreendo, se ela soubesse!

(*Pausa.*)

O Pétia Trofímov era preceptor de Gricha, deve fazê-la recordar...

(*Entra FIRS; está de casaco e colete branco.*)

FIRS: (*Aproxima-se da cafeteira, preocupado.*) A senhora vem tomar o café aqui... (*Calça as luvas brancas.*) O café está pronto? (*Para DUNIACHA, com severidade.*) Tu! E as natas?

DUNIACHA: Ah, meu Deus... (*Sai à pressa.*)

FIRS: (*Azafamado em volta da cafeteira.*) Ah, tu, mal-amanhada... (*Murmura para consigo.*) Vieram de Paris... Também o amo em tempos foi a Paris... numa carruagem de cavalos... (*Ri-se.*)

VÁRIA: Firs, de que te ris?

FIRS: O que quer? (*Alegre.*) A minha patroa voltou! Ainda voltei a vê-la! Agora já posso morrer... (*Chora de alegria.*)

(*Entram LIUBOV ANDRÉIEVNA, GÁEV, LOPÁKHIN e SEMIÓNOV-PÍSCHIK; este último usa um longo casaco cintado de tecido fino e calças largas. GÁEV, ao entrar, faz movimentos com os braços e com o tronco como se estivesse a jogar ao bilhar.*)

LIUBOV ANDRÉIEVNA: Como é? Deixa-me lembrar... Amarela

ao canto! Tabela ao meio!

GÁEV: Vermelha ao canto! Em tempos nós os dois, minha irmã, dormíamos neste mesmo quarto, e agora eu já tenho cinquenta e um anos, por estranho que pareça...

LOPÁKHIN: Sim, o tempo passa.

GÁEV: O quê?

LOPÁKHIN: Digo que o tempo passa.

GÁEV: Cheira aqui a perfume *patchuli*.

ÁNIA: Eu vou dormir. Boa noite, mamã. (*Beija a mãe.*)

LIUBOV ANDRÉIEVNA: Minha linda menina. (*Beija-lhe as mãos.*)
Estás contente por estar em casa? Eu ainda nem estou em mim.

ÁNIA: Adeus, tio.

GÁEV: (*Beija-a no rosto e nas mãos.*) Deus te acompanhe. Como tu és parecida com a tua mãe! (*Para a irmã.*) Tu, Liuba, na idade dela eras exactamente assim.

(*ÁNIA estende a mão a LOPÁKHIN e PÍSCHIK, sai e fecha a porta atrás de si.*)

LIUBOV ANDRÉIEVNA: Ela está muito cansada.

PÍSCHIK: O caminho é certamente longo.

VÁRIA: (*Para LOPÁKHIN e PÍSCHIK.*) E então, meus senhores?
Três horas, já é tempo.

LIUBOV ANDRÉIEVNA: (*Ri-se.*) Tu continuas a mesma, Vária. (*Puxa-a para si e beija-a.*) Acabo de beber o café, e depois vamo-nos todos.

(*FIRS coloca-lhe uma almofada debaixo dos pés.*)

Obrigada, meu querido. Habituei-me ao café. Bebo-o de dia e de noite. Obrigada, meu velho. (*Beija FIRS.*)

VÁRIA: Vou ver se trouxeram a bagagem toda. (*Sai.*)

LIUBOV ANDRÉIEVNA: Sou mesmo eu que estou aqui sentada?